

## CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

### Uma Ferramenta da Pedagogia Para a Educação no Contexto Hospitalar

Sara Silva\*  
Rita de Cássia Borges\*\*

#### RESUMO

Muitas são as crianças que em alguma fase da vida são hospitalizadas, o que acarreta em seu afastamento por menor ou maior tempo do seu convívio familiar e escolar, com conseqüentes lacunas no seu processo de aprendizagem e, não obstante, a geração de déficit ou dificuldade de aprendizagem, exigindo acompanhamento ou atendimento pedagógico-educacional em ambiente escolar, que promova a superação e a minimização das intercorrências cognitivas e sócio-afetivas psicomotoras resultantes das internações hospitalares. Assim, partindo do pressuposto da imprescindibilidade da atuação do pedagogo no contexto hospitalar, o estudo busca a luz da teoria o embasamento que permite a vivência prática, escolhendo como ferramenta de atuação a contação de histórias, e apresenta o atendimento lúdico-pedagógico realizado no Hospital Universitário Norte do Paraná – HU, em Londrina-PR, em outubro de 2007, que compreendeu o evento denominado “Hora do Conto com a Vovó Alegria”, para as crianças hospitalizadas na instituição na ocasião. Conclui que a contação de histórias é uma atividade imprescindível a todo o processo educacional, especialmente às crianças internadas, visto ao seu caráter terapêutico-educacional.

**Palavras-chave:** Pedagogia; Hospital; Contação de Histórias.

#### ABSTRACT

Many are the children that in some age of the life is hospitalized, what carts in its removal for minor or larger time of its family and school conviviality, with consequent lacunas in its learning process and, nevertheless, the deficit generation or learning difficulty, demanding accompaniment or pedagogic-educational attendance in school atmosphere, that promotes the to excel and the minimization of the cognitive intercurrency and partner-affective resulting psicomotoras of the internments hospital. Thus, leaving of the presupposition of the fundamental of the educator's performance in the context hospital, the study search the light of the theory the base

---

\* Discente do IX Módulo (4. Ano), do Curso de Pedagogia, da Faculdade Integrado Inesul. Contadora de Histórias e autora da personagem Vovó Alegria, registrado no Escritório de Direitos Autorais, da Biblioteca Nacional, cujos direitos autorais encontram-se reservados.

\*\* Orientadora: Professora Rita de Cássia Gomes Matoso Borges, pedagoga (UEL); especialista em Orientação, Gestão e Administração Escolar (UNOPAR); Especialista em Libras/Língua Portuguesa - Educação Bilíngüe (Instituto Paranaense de Educação). Docente do Curso de Pedagogia, da Faculdade Integrado Inesul.

that allows the practical existence, choosing as tool of performance the to narrate of histories, and it presents the play-pedagogic attendance accomplished in the Hospital University North of Paraná - HU, in Londrina-PR, in October of 2007, that he/she understood the event denominated "Story Time with Vovó Alegria", for the children hospitalized in the institution in the occasion. It concludes that the to narrate of histories is an indispensable activity to whole the educational process, especially to the interned children, sees to its therapeutic-educational character.

**Key-word:** Pedagogy; Hospital; Contação of Histories.

## INTRODUÇÃO

Cerca de 5 a 10% de todas as crianças, em alguma época da vida, são acometidas por uma enfermidade prolongada ou por uma incapacitação moderada ou grave, que as expõem a situações de risco, tanto do ponto de vista orgânico quanto emocional e educacional, podendo, por conseguinte, resultarem em prejuízo do seu desenvolvimento normal (PERRIN; GERRITY, 1984).

Para Gallar (1998), as crianças hospitalizadas podem apresentar como resultados negativos: problemas no desenvolvimento de natureza emocional (ansiedade ou depressão, diminuição da auto-estima ou baixa auto-estima) e cognitiva (dificuldades de aprendizagem). Evidentemente, cada ser humano pode reagir ou internalizar diferenciadamente a hospitalização, dependendo da sua personalidade, situação sócio-familiar, atribuição de significado realizado pelo indivíduo e, até mesmo, do tipo de enfermidade enfrentada. Entretanto, toda hospitalização afeta as interações da criança com o seu ambiente físico e social e, conseqüentemente, os aspectos do ambiente também se alteram como conseqüência da enfermidade.

Assim, toda enfermidade constitui-se em vulnerabilidade da criança, que se agrava pelas adversidades que decorrem da própria enfermidade, do tratamento ministrado e da hospitalização, resultando numa situação de múltiplos riscos para o desenvolvimento pleno/normal da criança (VITORINO, LINHARES E MINARDI, 2005).

Munhoz e Ortiz (2006) observam que a criança, ao deparar com a hospitalização, sente de imediato as mudanças ocorridas no seu ambiente. O primeiro impacto é relacionado ao contexto físico, tanto em dimensão (restrição ao

leito), conforto e mobilidade; quanto funcional, frente ao silêncio imperioso, muitas vezes, quebrado apenas pelo ruído de aparelhos estranhos ao conhecimento da criança, e o transitar de médicos, enfermeiras e fisioterapeutas, que usam roupas brancas e cumprem a sua rotina profissional.

Além da separação do convívio com seus pais, e a sua exclusão do ambiente familiar, propício para o pleno desenvolvimento infantil, que quebra o convívio familiar cotidiano, visto que à prática hospitalar restringe a permanência de acompanhantes e a presença de visitantes significativamente. Somam-se, ainda, os fatos traumatizantes, como as dores mediante os procedimentos terapêuticos, e também a manifestação do medo, ansiedade, irritabilidade, angústia, depressão, agressividade, sensação de abandono, etc., que indubitavelmente acompanham o estado de doença (NASCIMENTO, 2000).

Desta forma, a criança hospitalizada corre grande risco de ter seu desenvolvimento afetado, especialmente àquela que mantém contato permanente com o hospital. Prepondera-se, ainda, como prejuízo o afastamento escolar, pois a hospitalização priva também o convívio com os colegas, professores e os momentos de recreação (ZACARON, 2001).

Entretanto, tanto a vulnerabilidade da criança quanto os fatores de risco são passíveis de serem atenuados, por meio da utilização de recursos da própria criança e de mecanismos de proteção advindos do próprio ambiente, mediante a promoção do desenvolvimento da criança por meio do brincar e do aprender, criando-se uma rede de mediação social que, geralmente, funciona como mecanismo de proteção e neutralização das adversidades decorrentes da enfermidade e da hospitalização. (VITORINO; LINHARES; MINARDI, 2005).

A prevenção de problemas futuros, como, por exemplo, as dificuldades de aprendizagem, é imprescindível para as crianças que estão em processo de internação, inclusive é previsto o atendimento pedagógico-educacional no contexto hospital, para promover a superação ou minimização das intercorrências cognitivas, sócio-afetivas e psicomotoras das crianças que necessitam de internação hospitalar, como um direito de todo indivíduo que, devido às suas condições especiais de saúde, esteja hospitalizado.

Nesse contexto, a contação de histórias figura como uma poderosa ferramenta pedagógica, não somente pelo potencial terapêutico físico e mental que possui, mas também pelo potencial formador (processo de

aprendizagem/alfabetização), favorecendo tanto a construção de sua subjetividade, elaboração psíquica da enfermidade e da hospitalização quanto, sobretudo, propiciando a continuidade e segurança diante dos laços sociais da aprendizagem, relação com colegas e relações de aprendizagens mediadas pelo professor (FONSECA, 2003). Além de garantir o direito às crianças e aos adolescentes de alguma forma de recreação, programas de Educação para a Saúde e acompanhamento do currículo escolar, durante a permanência hospitalar (BRASIL, 1995), por meio de atendimento pedagógico-educacional (BRASIL, 1994).

Considerando-se o exposto e justificado pela imprescindibilidade do atendimento pedagógico hospitalar, o presente trabalho teve como objetivo realizar um evento lúdico-pedagógico de contação de histórias, para crianças hospitalizadas no Hospital Regional do Norte do Paraná – HU, na cidade de Londrina, Estado do Paraná, em comemoração ao “Dia das Crianças”, no dia 10 de outubro de 2007. Para tanto, procedeu-se, primeiramente, uma pesquisa bibliográfica com base em material publicado: livros, revistas, artigos, periódicos, internet, etc., acerca dos temas-chave: 1. a criança hospitalizada e o processo de aprendizagem; 2. contação de histórias - uma ferramenta que favorece o processo educacional, por meio da qual, buscou-se o embasamento teórico necessário ao desenvolvimento prático proposto. Posteriormente, lançou-se mão da personagem “Vovó Alegria” caracterização da autora.

## **A CRIANÇA HOSPITALIZADA E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM**

O estado de doença geralmente abala o estado emocional da criança. Devido ao seu problema de saúde, a criança normalmente é acometida de irritabilidade e descontentamento com tudo que a rodeia. As alterações no ambiente e o estado de apreensão da família provocam inquietação e redução da auto-estima, ao mesmo tempo em que o medo e a incerteza diante do sofrimento, dor e desconforto causado pelo mal-estar geram a carência afetiva. Tais fatores contribuem na redução de sucesso em seu tratamento. Segundo pesquisas, o equilíbrio emocional é um fator determinante para a eficácia e eficiência do tratamento médico. Cada criança quando fica internada deixa para trás o seu mundo (família, escola, amigos, brinquedos), fatores que, nesta fase, são primordiais para o seu desenvolvimento. Como o processo de ensino-aprendizagem se desenvolve fundamentalmente na escola, o fato de a criança ser obrigada a se ausentar desta por um determinado período, pode comprometer significativamente o seu desenvolvimento escolar, devido a sua impossibilidade de frequentar as aulas (FONSECA, 1996; DAMIANI, 2009).

Com isso, pedagogos, buscando amenizar o sofrimento para a criança e procurando de alguma forma resgatar a sua auto-estima, melhorar a sua estada no hospital e possibilitar um ambiente agradável e alegre, além de permitir que o processo ensino-aprendizagem possa ser resgatado fora da sala de aula e de uma forma, alegre e criativa e educativa, visaram, através da brinquedoteca um processo de educação extra-sala, que além de visar que a criança, impossibilitada de frequentar a escola, recupere um pouco a perda de conteúdos educacionais, aumente também a auto-estima e possibilite um ambiente alegre e estimulador, para que no seu processo de tratamento-saúde, seja bem sucedido.

Assim, a brinquedoteca constitui um lugar propício para a realização de atividades lúdicas (especialmente a contação de histórias) no contexto hospitalar, cujas funções terapêutica e educacional/pedagógica são indispensáveis para a saúde física, emocional e intelectual da criança (CUNHA, 1994; DE PAULA; FONTRAN, 2008), pois supre em parte as lacunas no seu aprendizado formal e atuam como fatores determinantes no desenvolvimento e aprendizagem da criança. Segundo Vygotsky (apud VITORINO; LINHARES; MINARDI, 2005), as atividades lúdicas realizadas com outras pessoas (pais, professores, contadores de histórias e

colegas), influencia de sobremaneira as tarefas evolutivas da criança, permitindo que estas elaborem e internalizem habilidades e conhecimentos socialmente disponíveis.

Entretanto, é oportuno registrar a importância do acompanhamento pedagógico para crianças em situação de internação hospitalar, pois as atividades lúdicas, quando desenvolvido no âmbito da prática pedagógica, quando desenvolvidas e implementadas pelo pedagogo deve sempre se constituir por propostas com fins específicos, objetivando, sobretudo, o estímulo da aprendizagem compatível com o desenvolvimento de cada criança (MUNHÓZ; ORTIZ, 2006).

## **CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: UMA FERRAMENTA QUE FAVORECE O PROCESSO EDUCACIONAL**

A contação de histórias data dos mais remotos tempos. Como característica principal do folclore, a narração transitou entre as camadas mais pobres da população até o final do período medieval. Era da concentração de pessoas ao redor das fogueiras, para reuniões familiares ou comunitárias, nas quais os mais velhos transmitiam aos mais novos o conhecimento, a educação e a cultura dos povos, atividade que permitiu a perpetuação de costumes, do conhecimento e da formação da história ao longo dos séculos. Por meio da palavra, especialmente da narração que, geração após geração, a transmissão de pensamento, conhecimento, mitos, educação e culturas se transmitiram e se perpetuaram.

Através dos tempos, a arte de contar histórias teve papel de vital importância para a formação e educação dos seres humanos. O conhecimento e a sabedoria, desde os mais remotos tempos têm sido transmitidas dos mais velhos para os mais novos, com a intenção de propiciar carinho, cultura, conhecimento, princípios, valores, educação, ética, além de contribuir para uma boa construção de relacionamentos afetivos saudáveis, bons tratos, cuidados pessoais (higiene física e mental), reeducação alimentar, auto-estima, autoconhecimento e convivência social, fundamentais para uma vida feliz e saudável, e para o fortalecimento dos indivíduos e da sociedade, assim como para valorizar as relações familiares e inibir a violência,

contribuindo diretamente para a formação do caráter e da personalidade e indiretamente para a sobrevivência e bom funcionamento da sociedade.

Atualmente, o contar histórias figura, sobretudo, como promotora do resgate afetivo. Uma forma de estabelecer a interação entre o contador e os participantes, em um período de troca afetiva, que envolve diálogo e a participação mútua, suprindo, mesmo que em parte, as carências contemporâneas das crianças, como a falta de atenção, resultante da falta de tempo, proveniente do modelo de vida e trabalho das sociedades capitalistas.

Além disso, há milênios de anos o contar histórias é poderoso coadjuvante terapêutico para patologias físicas e mentais; como um determinante simbólico de valores e normas e como criador dos símbolos sociais; como um determinante para o desenvolvimento cognitivo e psicológico, para o fortalecimento dos laços familiares.

Segundo a Associação das Bibliotecas de Instituições e Hospitais dos Estados Unidos (MOOD; LIMPER, 1973 apud CALDIN, 2001), o contar histórias atua também como coadjuvante terapêutico na medicina e na psiquiatria, pois a contação de histórias pode contribuir ou promover o alívio da tensão diária causada por doenças; problemas pessoais e/ou psicológicos; pelo desajustamento social, uma vez que, cada vez mais, o fator emocional vem sendo levado em conta na luta contra as enfermidades e a humanização vem revolucionando os antigos métodos de tratamento.

Especificamente na área da Educação, a contação de histórias atua como uma eficaz ferramenta, que contribui para o sucesso do desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, (aprendizagem, alfabetização, aquisição da escrita e da leitura - verificação, análise, interpretação, produção, estimulação da criatividade, favorecimento da socialização – interação entre contador e participantes, e das relações afetivas – troca afetiva, diálogo, participação mútua).

Com relação ao aprendizado, o ouvir histórias, contos, fábulas, ou mesmo fatos do dia-a-dia, permite à criança a assimilação de alguns aspectos da aprendizagem literária, constituindo-se, assim, num importante recurso no processo ensino/aprendizagem. A aprendizagem ocorre quando existe motivação, desafio, quando acontece o querer saber para reorganizar o pensamento e estabelecer conexões entre o contexto cultural a qual a criança está inserida. A literatura infantil trabalhada de forma lúdica, criativa e “gostosa”, desperta não só o interesse pelo

mistério, pelo sonho e magia, mas, sobretudo o gosto em criar, reproduzir, compreender e analisar suas formas, bem como a intencionalidade dos fatos. O contador de histórias atua como mediador/promovedor da discussão, do entendimento, do debate de diferentes opiniões, da argumentação e da reflexão do grupo. É através da coincidência entre o mundo representado na história e no contexto do qual participa o ouvinte que propicia a criação à reflexão sobre sua condição pessoal, assim como a ampliação do domínio da linguagem e, conseqüentemente, a sua capacidade de construção e conhecimento do mundo.

No caso de crianças com necessidades especiais, sejam físicas ou mentais, caso em que se encontra a criança enferma, o contar histórias se faz imprescindível pela sua função terapêutica, que possibilita a apaziguação das emoções. Aristóteles, filósofo grego, que viveu cerca de 400 a.C, analisou a liberação da emoção resultante da tragédia – a catarse. O ato de excitação das emoções de piedade e medo proporcionaria alívio prazeroso. A leitura do texto literário, portanto, tranqüiliza tanto leitor quanto ouvinte, e a literatura possui a virtude de ser sedativa e curativa (CALDIN, 2001). A catarse, nesse contexto, corresponde à evolução, o aprendizado, o desenvolvimento, que alguns seres humanos adquirem quando experimentam o com o sofrimento de expurga muitos de seus males, ficando mais calmo, sereno, tranqüilo. Assim, por meio da catarse, a purificação da alma acontece sem que haja necessidade de um sofrimento real (físico e/ou mental), mas sim pela emoção provocada pelo sofrimento do herói literário.

Em sentido semelhante, Bettelheim (2007) assevera que, ao se identificar com o herói da história, em todas as suas lutas, a criança imagina que sofre as mesmas provas e tribulações e triunfa com herói quando este sai vitorioso.

## **MATERIAL E MÉTODO**

A atividade pedagógica de contação de histórias, objeto do presente estudo, foi desenvolvida na brinquedoteca, ala Pediátrica, do Hospital Universitário Norte do Paraná - HU, espaço destinado a brincadeiras e atividades lúdicas para crianças que se encontravam internadas na ocasião.

Para realizar a contação de histórias, a autora caracterizou-se de Vovó Alegria, uma senhora idosa e alegre, que dedica seu tempo ao incentivo do hábito da leitura, ao exercício da criatividade, ao resgate da inocência e dos valores; além



da transmissão de carinho, cultura, conhecimento, princípios, valores, educação, ética, e contribuir para uma boa construção de relacionamentos afetivos saudáveis, bons tratos, cuidados pessoais (higiene física e mental), reeducação alimentar, autoestima, autoconhecimento e convivência social, fundamentais para uma vida feliz e saudável, para o fortalecimento dos indivíduos e da sociedade e para valorizar os laços afetivos familiares e incentivar a prática do amor fraterno.

## **RESULTADOS**

A realização do estudo teve início com a preparação do espaço: montagem do cenário na brinquedoteca do hospital, e o processo de caracterização da personagem Vovó Alegria.

Preparado o espaço, as crianças hospitalizadas com possibilidade de locomoção, foram acompanhadas até o local pela brinquedista da instituição, e recepcionadas pela Vovó Alegria, que as cumprimentou dando boas vindas à casa da Vovó. Após a acomodação das crianças na casa, a Vovó Alegria cantou uma música, informando-lhes que iria começar a contar uma linda história.

A seguir, os participantes foram convidados para brincar de faz-de-conta; e, fazendo de conta levou-os a se sentirem netos de uma avó que conta histórias no aconchego de uma família unida e feliz, da qual, naquela tarde, todos fizeram parte. A Vovó Alegria viajou com as crianças por contos de fadas, clássicos da literatura infantil, contos nacionais e internacionais, além dos contos criados pela autora; apresentou livros e permitiu seu manuseio, incentivando o despertar ao interesse pela leitura, escrita e criação de histórias; e, apesar das crianças, num primeiro momento, mostrarem-se tímidas, logo se estabeleceu a afetividade e a interação entre a autora, às crianças e seus acompanhantes (Figura 1).

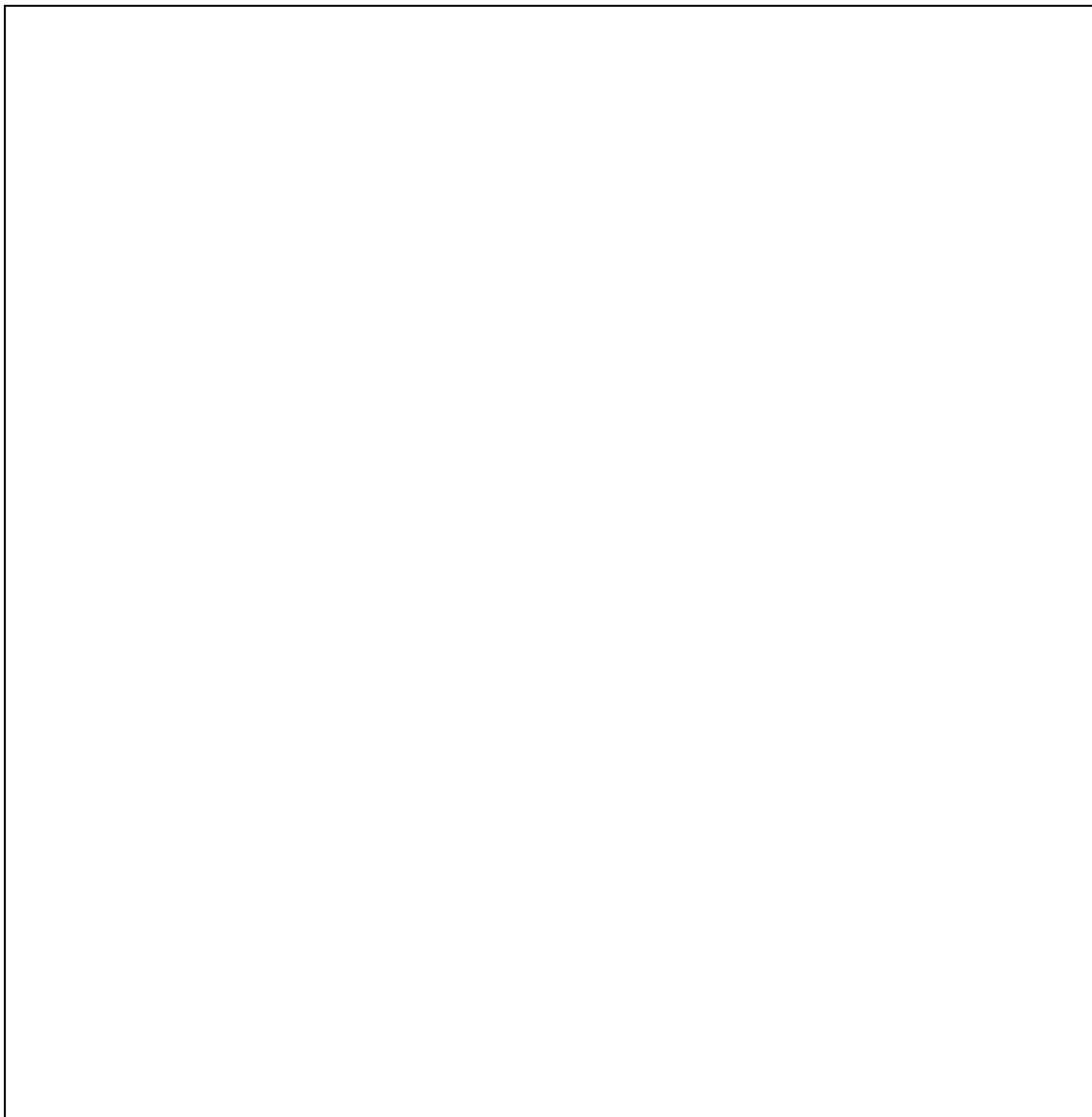


Fonte: Arquivo do Hospital Universitário de Londrina

**Figura 1** – Momento de contação de histórias

As crianças mostraram-se felizes. Visivelmente sentiam-se literalmente netos da Vovó: sentaram nas almofadas, manusearam os objetos ilustrativos, os livros, o cenário, participaram das histórias, conversaram, brincaram, questionaram sobre os personagens e os fatos narrados; interagiram como se estivessem vivenciando as histórias, expressaram emoções de alegria e felicidade (Figura 2).

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso e muito menos achar que tem cara de aula [...] (ABRAMOVICH, 1995, p. 17).



Fonte: Arquivo do Hospital Universitário de Londrina

**Figura 1** – Registro da participação (crianças e adultos), na contação de histórias

Durante o transcorrer daquele momento, visivelmente, a alegria pairava no ar: sem dúvida, naquela tarde, as dores, tristezas e todo sentimento depressivo que possa ter uma criança hospitalizada foi atenuado e compensado por alegria e o prazer proporcionado pela contação de histórias. Os participantes sentiam-se, de fato, na casa da Vovó, o que comprovou o potencial terapêutico da contação de histórias e das atividades lúdicas, além deterem preenchido parte da lacuna que a hospitalização deixa no processo escolar, por meio do contato com a literatura.

Segundo De Franceschi (2006), o ouvir histórias compreende o mais seguro dos caminhos para se garantir a aprendizagem. Trata-se de um valiosíssimo momento para a educação integral e, sobretudo, para o sucesso da alfabetização, pois mostra função social da escrita, propicia momentos de conversa entre a criança/educando e contador/educador, especialmente por favorecer e promover os bate-papos, aberto aos comentários, indagações e respostas, críticas, opiniões, idéias, proporcionando oportunidades singulares de participação intensa do educando. Ao final da atividade, as crianças se despediram da Vovó Alegria calorosos abraços e beijos e receberam uma lembrancinha (pirulito com o desenho da vovó), voltando às suas acomodações. Vovó Alegria, acompanhada da brinquedista, funcionária do hospital, visitou as enfermarias, UTI e demais alas, para contar histórias às crianças que não tinham condições para se locomoverem, mas estavam em condições de receber visitas.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O afastamento da criança do seu meio familiar e escolar, por motivo de internação hospitalar, naturalmente, surte nestas os sentimentos de medo, tristeza, apatia, baixa auto-estima, etc., resultando, não obstante, em prejuízo do desenvolvimento pleno do processo ensino-aprendizagem, por ser o hospital o oposto do meio que a criança vive, pois ela não tem mais a família toda ao seu lado, sua professora, seus amigos, seus brinquedos não estão mais ali, dando-lhe a sensação de que o seu mundo foi totalmente roubado. Nesse contexto, o trabalho de contação de histórias realizado na brinquedoteca do HU permitiu preencher uma lacuna no processo de aprendizagem das crianças hospitalizadas, amenizando prejuízos e favorecendo, quiçá, a eficácia do retorno das crianças participantes ao ambiente escolar. Além de propiciar relevante efeito terapêutico físico e mental, constatando-se a relevância de se realizar atividades pedagógicas no contexto hospitalar. Desta forma, sugere-se que novos trabalhos de semelhante cunho sejam realizados em diferentes hospitais e casas de saúde de Londrina-PR, possibilitando a pedagogos e educadores a vivência prática da pedagogia hospitalar e propiciando aos enfermos em idade escolar, o seu direito à Educação, garantido por lei e motivo de constante preocupação dos profissionais da pedagogia.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fani. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo; Scipione, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial**. Ministério da Educação e Secretaria de Educação Especial. Brasília, 1994.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 21. ed. Revista. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **A poética da voz e da letra na literatura infantil: leitura de alguns projetos de contar e ler para crianças**. 2001. 261 p. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

CUNHA, N. H. S. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar**. São Paulo: Maltese, 1994.

DAMIANI, Anna Maria Nascimento. **O CAMINHO É VOCÊ QUEM FAZ...** 2008. Disponível em: <[http://www.santamarina.g12.br/faculdade/revista/numerosant\\_14.pdf](http://www.santamarina.g12.br/faculdade/revista/numerosant_14.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2009.

DE PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira; FONTRAN, Elenice Parise. **BRINQUEDOTECA HOSPITALAR: DIREITO DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES HOSPITALIZADOS**. Disponível em: <<http://www.uepg.br/revistaconexao/revista/edicao03/artigo4.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2009.

FONSECA, E. E. **Classe hospitalar: uma modalidade válida da Educação Especial**. Especial UFF, 1996.

DE FRANCESCHI, Daiana Janine Muller. **HISTÓRIAS: PRAZER, DIVERSÃO, REFLEXÃO E APRENDIZAGEM**. 2006. Disponível em: <<http://www.sieduca.com.br/2006/admin/upload/99.doc>>. Acesso em: 10 mai. 2009.

GALLAR, M. **Promoción de la salud y apoyo psicológico al paciente**. Madri: Paraninfo, 1998.

MUNHÓZ, Maria Alcione; ORTIZ, Leodi Conceição Meireles. Um estudo da aprendizagem e desenvolvimento de crianças em situação de internação hospitalar. **Revista Educação**. Ano XXIX, n. 1 (58), p. 65 – 83, Jan./Abr. Porto Alegre-RS, 2006.

NASCIMENTO, C. T. **O esquema corporal de crianças portadoras de câncer no contexto hospitalar**. 2000. Monografia (Especialização em Ciência do Movimento Humano) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2000.

PERRIN, E. C.; GERRITY, P. S. Desenvolvimento das crianças portadoras de enfermidades crônicas. In: HAGGERTY, R. J. (Orgs.). **Clínicas Pediátricas da América do Norte**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1984.

VITORINO, Stephânia Cottorello; LINHARES, Maria Beatriz Martins; MINARDI, Maria Regina Fonseca Lindenberg. Interações entre crianças hospitalizadas e uma psicóloga, durante atendimento psicopedagógico em enfermaria de pediatria. **Estud. psicol.** Natal, v.10, n.2, May/Aug. 2005.

ZACARON, D. **Nível de percepção e competência de crianças com diagnóstico de câncer**. 2001. Monografia (Especialização em Ciência do desenvolvimento humano) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2001.